

### ESTUDOS EUROPEUS: UMA PERSPECTIVA BRASILEIRA

**Myriam Ávila<sup>1</sup>**

No processo de criação, implantação e implementação do Instituto de Estudos Brasil-Europa (IBE) e, mais especificamente, na definição do perfil do doutorado previsto nas Atividades Acadêmicas do IBE, as tentativas de entendimento do escopo e abrangência do que se convencionou chamar Estudos Europeus exigiram grande atenção do grupo da Universidade Federal de Minas Gerais comprometido com o desenvolvimento do Instituto. Acima ainda das delimitações desses estudos, preocupou-nos o caráter que eles assumem nos países e instituições de ensino em que são praticados e, além disso, o caráter que devem e/ou podem vir a assumir no Brasil.

Toda a discussão daí advinda está necessariamente atrelada à ideia de Europa que informa as diversas posturas possíveis a respeito. Em um país americano de língua europeia, nascido da colonização portuguesa e dependente, durante a maior parte de sua existência, da economia daquele continente, é impossível não nos vermos, em alguma medida, como filhos da Europa. Se nas últimas décadas temos reconhecido cada vez mais a relevância de outros influxos sobre a nossa cultura, à qual vai se tornando difícil referir-se no singular, não podemos, contudo, negar as profundas raízes que nos ligam ao chamado Velho Continente, modelando as nossas instituições, nosso pensamento teórico, os princípios de nossa formação acadêmica e tantas outras matrizes que subjazem à nossa organização política.

<sup>1</sup> Professora do IBE/ UFMG.

Essa conjunção histórica pode justificar a afirmação de que, inevitavelmente, fazemos o tempo todo estudos europeus ou de que a Europa está impregnada em nossas formulações teóricas de forma inextricável.

Os pressupostos e preconceitos enraizados que direcionam a visão da Europa desde o Brasil não são de fácil remoção, mesmo nos círculos mais esclarecidos (para usarmos um conceito profundamente europeu). Mas será que se trata de fato de removê-los? Ou abdicar dos clichês de longa permanência no discurso cotidiano, mediático ou mesmo acadêmico não seria render-se a outra imagem, aparentemente mais objetiva e updated, mas nascida igualmente de particularidades históricas manejadas por interesses e desejos de que não partilhamos? Sem pretender dar respostas a esses questionamentos, o presente texto procura tomar distância com relação a ideias vagas e preconcebidas sobre o que seriam Estudos Europeus, antes de refletir de forma mais abstrata sobre esse conceito. Para isso, o caminho que nos pareceu mais viável foi o levantamento (não exaustivo, é certo) das diversas instâncias de formação, intercâmbio e debate que se acolhem sob essa denominação, tanto na Europa como em outros continentes, para, a partir daí, tentar derivar uma perspectiva brasileira de sua abordagem.<sup>2</sup> Sem a ilusão, entretanto, de estarmos a salvo das inúmeras condicionantes que presidem à constituição dos diversos imaginários reunidos em torno do signifi- cante Europa, aqui e alhures.

Começaremos pelo exame de instituições europeias, para passarmos depois à descrição de outros centros, não-europeus, encerrando o texto com considerações sobre o perfil e o futuro que os Estudos Europeus podem assumir no Brasil.<sup>3</sup> O panorama que será apresentado restringe-se a cursos de pós-graduação e centros de excelência. Embora não possamos contar com a experiência e contato diretos com esses centros, tentaremos, na medida do possível, apresentá-los com objetividade e perspectiva crítica. A pesquisa feita através de mecanismos de busca da Internet, mesmo padecendo dos vícios e desvios da informação indireta, permite o acesso aos discursos dos quais se reveste a práxis, revelando com clareza a imagem que lhes interessa veicular.

---

2 A proposta do levantamento foi feita pelo prof. Ivan Domingues, coordenador geral do IBE-UFGM.

3 Agradeço a ajuda de Tiago Duarte, assistente administrativo do IBE-UFGM na complementação do levantamento aqui exposto.

## Estudos Europeus na Europa

Este texto abordará diretamente apenas os cursos de pós-graduação, uma vez que é impossível mapear os inúmeros bacharelados e licenciaturas no campo, embora várias das considerações que se seguirão sejam válidas para os vários níveis de estudo.

Os Estudos Europeus devem ser vistos em paralelo aos Centros Jean Monnet e entendidos como derivados de iniciativas de unificação europeia ocorridas na primeira metade do século vinte, de que o trabalho pioneiro de Jean Monnet figura como epítome. O patrono da união europeia lançou suas ideias já em 1914, tendo sido em 1919 nomeado *Deputy Secretary General* da Liga das Nações. Ativo negociador de acordos e alianças entre França e Inglaterra e, durante a Segunda Guerra Mundial, entre os aliados europeus e os Estados Unidos, foi responsável, segundo Keynes, pela diminuição da guerra em um ano.<sup>4</sup> Em 43, defendia a reunião federativa das diversas nações europeias e no período pós-guerra arquitetou gradualmente a criação da Comissão Europeia, do Sistema Monetário Europeu e, finalmente, do Parlamento Europeu.

Os Centros de Excelência Jean Monnet são criados já em plena vigência da União Europeia. O site da Universidade de Helsinque traz um apanhado de informações sobre esse projeto que serão suficientes para os propósitos deste texto:

A pedido das universidades e outras instituições de educação superior dos Estados Membros, a Comissão Europeia desenvolveu um projeto de informação europeu que leva o nome de um dos pais da integração europeia, Jean Monnet.

O projeto Jean Monnet é uma espécie de conceito guarda-chuva para atividades educacionais e de informação relacionadas com a integração europeia que são co-financiadas pela Comissão Europeia. O financiamento é fornecido para universidades tanto nos Estados Membros como em países candidatos. O projeto abrange várias formas de atividade, uma das quais é a manutenção de Centros de Excelência Jean Monnet.

Entre 1990 e 2001, um total de 2.300 projetos Jean Monnet foram financiados e a cada ano mais de 250.000 estudantes beneficiam-se dos cursos do projeto. Atualmente, um total de 47 universidades sedia um Centro Jean Monnet.

O principal objetivo do projeto é fomentar o conhecimento crescente da história da integração europeia e as dimensões jurídicas, econômicas e políticas da mesma, através do ensino, pesquisa e debate.

A tarefa específica dos centros é reunir recursos humanos e outros, tanto no âmbito das universidades como regionalmente, para o desenvolvimento de cursos e pesquisas de pós-graduação. Procuram ainda tornar mais efetivas a troca de informações e a discussão acerca de questões europeias.

Suas principais metas podem ser resumidas em três: visibilidade, sinergia e contatos com a Sociedade Civil.<sup>5</sup>

**A constante vinculação entre programas de pós-graduação em Estudos Europeus e Centros Jean Monnet indica a derivação desses estudos da criação do bloco federativo que reúne 27 países europeus. As questões atinentes à implementação e configuração desse bloco**

4 Informação do site <<http://www.jeanmonnet.org.tr>>.

5 Todas as traduções de textos citados neste artigo são de responsabilidade da autora.

respondem pela opção, nos cursos de Estudos Europeus, por determinadas disciplinas e áreas de pesquisa, como se verá a seguir. Não se trata, portanto, de promover o estudo da história e cultura europeias como um todo, mas de investigar os parâmetros de existência e funcionamento da federação, principalmente em seus aspectos políticos, jurídicos e econômicos.

No entanto, em uma Universidade como Paris 8, conhecida por sua atenção às Humanidades, encontramos o programa de estudos “Ciências sociais: estudos europeus”, que abrange os seguintes domínios de pesquisa, entre os quais figuram a história da arte e da cultura europeias:

- Pesquisas históricas e contemporâneas sobre a construção comunitária e suas relações com a Europa central e balcânica e com os Estados provenientes da ex-URSS, com os Estados Unidos e a Ásia.
- A Europa das cidades e das regiões.
- A vida intelectual, as correntes culturais e estéticas.
- A mundialização, o emprego, as políticas sociais.
- A construção do discurso econômico e sua legitimação.
- O estatuto da mulher na União Europeia.
- A democracia e a participação dos cidadãos na Grande Europa.

O site do programa adverte que “Os temas de pesquisa deverão ter uma dimensão que ultrapasse um quadro nacional dado, mesmo se esses ocupam um lugar privilegiado na situação de um país em particular”. Podemos tomar, a partir dessa advertência, como o primeiro critério definidor dos Estudos Europeus a perspectiva transnacional.

Outros pontos que vale a pena destacar no programa de Paris 8 são a divisão em setores disciplinares (direito público, ciência política, ciência econômica geral, ciências de gestão, sociologia, demografia, antropologia, etnologia, geografia física, humana, econômica e regional, história e civilizações: história dos mundos modernos, história do mundo contemporâneo, da arte e da música) e a relação das carreiras a que se destinam os alunos. São elas:

- ensino superior e pesquisa.
- tradução e documentação.
- jornalismo e edição.
- comércio internacional.
- comunicação e cultura.

- relações internacionais e trocas culturais.
- carreiras em organizações internacionais e europeias; administração, função pública nacional e internacional.

A apresentação do programa deixa claro que seu foco são as problemáticas e eixos de reflexão mais prementes ligados à construção da Europa, o que exige uma abordagem pluridisciplinar e comparativa. Procura-se, assim, responder às necessidades de qualificação requeridas pelas novas profissões, dentro de uma nova concepção de pesquisa que “articula os procedimentos científicos, a vocação cidadã e a profissionalização”. Note-se, nesse programa, a ausência de menção específica à área do Direito, uma das mais enfocadas pelos cursos de Estudos Europeus em geral.

Em Paris 3, a *Sorbonne Nouvelle*, encontramos dois mestrados intitulados Estudos Europeus I e Estudos Europeus II, que estabelecem como domínios de pesquisa o direito público, a história contemporânea, a economia e a ciência política. Os mestrados procuram formar quadros para as “carreiras europeias”. Estas podem ser definidas a princípio como “carreiras no interior das instituições europeias”, mas seu significado pode ser ampliado para “especialistas em questões europeias com atuação nos setores público e privado”. Definem-se como “questões europeias” as dimensões europeias das políticas nacionais, das relações exteriores, das estratégias econômicas e suas demandas de negociação e gestão. Para sua abordagem, o conhecimento teórico deve ser aliado à compreensão prática e a experiência concreta.

Paris 3 define como linhas de pesquisa: (1) construção europeia e relações internacionais; (2) instituições e sistemas políticos e (3) governança econômica e social. Ressalva que a abordagem é menos disciplinar que temática. Qualifica-se como pluridisciplinar, o que fica claro pelo fato de os domínios de pesquisa não definirem as linhas, mas atravessarem todas elas. O maior direcionamento para a profissionalização do aluno, por oposição ao doutorado de Paris 8, muito mais abrangente, deve-se provavelmente a serem cursos no nível de mestrado. As denominações Master I e Master II não são excludentes, mas cumulativas: o segundo segue-se ao primeiro. A apresentação do curso chama a atenção para a relativa escassez de cursos de Estudos Europeus na França e toma como modelo as formações de universidades estrangeiras, como a London School of Economics, Columbia University, Harvard University, Université Libre de Bruxelles.

O contraste entre os cursos de Paris 8 e Paris 3 é significativo, apesar de derivar em parte de se tratarem de diferentes níveis de estudo, pois há, no universo dos

Estudos Europeus, uma ênfase generalizada na atualidade dos estudos que se desenvolvem mais no âmbito das Políticas Públicas, do Direito e da Economia e menos no das Humanidades e Artes.

Na Itália, destaca-se, na área dos Estudos Europeus, o European University Institute, de Florença. Ali, o doutorado se divide em quatro departamentos – *Economics, History and Civilization, Law, Political and Social Sciences* – entre os quais o aluno deverá optar. O site registra entre as perguntas mais frequentes dos candidatos, se é possível fazer o doutorado em dois departamentos ao mesmo tempo. A possibilidade não existe, mas incentiva-se a abordagem multidisciplinar e encoraja-se o aluno a participar de atividades acadêmicas dos outros departamentos. Como formação profissional, o programa pretende encaminhar os alunos para carreiras acadêmicas, além de posições em instituições da União Europeia. O departamento de História tem um enfoque mais tradicional, enquanto que Ciências Políticas e Sociais dá relevo a questões atuais e ainda em processo. O departamento de Economia tem a especificidade de pertencer a uma rede de doutorados denominada European Doctoral Programme (EDP), dedicado à Economia Quantitativa, que articula programas das seguintes instituições, além da EUI: Université Catholique de Louvain, École des Hautes Études en Sciences Sociales e ENSAE, Paris, Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn, Universität Pompeu Fabra, Barcelona e London School of Economics. Conta ainda com a Tel Aviv University (Israel), como parceira externa. Já o departamento de Direito destaca o aspecto comparativo dos estudos.

Apesar de acolher pesquisas multidisciplinares, a estrutura da EUI é mais pesada e mais voltada para a especialização, afastando-se da abordagem temática, mais

típica dos Estudos Europeus. O Instituto de Estudos Europeus (IES), da Universidade Livre de Bruxelas, por exemplo, opta de forma convicta pela concentração dos estudos em apenas quatro temas de pesquisa, por oposição a outros programas de espectro muito amplo. São eles: Ambiente e desenvolvimento sustentável, Migração e diversidade, Política exterior e políticas de segurança na Europa, Sociedade da Informação. Também o programa de Estudos Europeus da Universidade Friedrich Schiller de Jena dirige a atenção para quatro temas, com foco unicamente em Política: Europeização e transformação do sudeste europeu, Governança e mudança do estatuto do estado nacional na União Europeia, O conceito de Estado, a decadência do Estado e formação do Estado com ênfase na África, Federalismo comparado.

O College of Europe, dedicado à pós-graduação em Estudos Europeus, funciona simultaneamente em dois campi, um na Bélgica (Bruges) e outro na Polônia (Varsóvia). Ali o aluno pode optar entre vários mestrados, divididos em Relações Internacionais e Diplomacia, Política e Administração, Integração Econômica e Negócios, Direito, incluindo ainda a opção Estudos Europeus Interdisciplinares. Segundo sua apresentação, “o programa leva em consideração o fato de que o fenômeno da integração europeia vai além dos limites de uma disciplina acadêmica”. Deste modo, aceita alunos vindos das mais diferentes formações.

A Universidade de Viena, a partir da ideia de sua localização central funcionar como ponte entre o oeste e o leste europeus, descreve assim sua pós-graduação em *Europeistik*: “O objetivo do curso é a formação aprofundada no âmbito da Integração Europeia. O curso busca formular conexões entre fatores filosóficos, sociais, econômicos, jurídicos e ecológicos da integração e

tematizar as faixas de conflito desse desenvolvimento.” Assume caráter disciplinar, oferecendo a todos os alunos disciplinas de Economia, Direito, Política, Sociologia, História, Ciências da Linguagem e da Cultura.

Ainda no território germanófono, o Centro de Estudos Europeus Comparados da Universidade de Colônia (Zentrum für Vergleichende Europäische Studien, ZEUS) entende-se como supradisciplinar, reunindo historiadores, historiadores da arte, teóricos da literatura e da música. Fornece a plataforma sobre a qual se apoia o doutorado interdisciplinar da Faculdade de Filosofia na área dos Estudos Europeus. Essa vinculação dos Estudos Europeus ao pensamento filosófico e à estética é rara, talvez inédita em termos dos cursos de doutorado em funcionamento.

No Reino Unido, o conceito de Estudos Europeus parece ser mais difuso. Todas as observações abaixo decorrem de pesquisa na Internet e apoiam-se no critério da existência ou não de página ou link no site da instituição sob a palavra-chave European Studies. A noção preponderante encontrada nos sites universitários é a de estudos ligados a línguas e países dentro da Europa, mais que uma consideração da União Europeia como um todo. Pode-se fazer pesquisa no nível de doutorado em Estudos Europeus em diversas universidades, entre as quais London Metropolitan University, Loughborough University, University of Birmingham, University College London – UCL (University of London), University of Sussex, London School of Economics and Political Science (University of London), o que não quer dizer que se ofereçam aí programas específicos na área. Universidades como Essex e Leeds possuem centros de excelência Jean Monnet, mas não oferecem doutorados específicos em Estudos Europeus. O centro Jean Monnet da Escócia tem várias universidades parceiras, em lugar de se vincular diretamente a uma instituição. Em Cardiff, País de Gales, há dois doutorados vinculados ao Centro Jean Monnet: o da *Law School* e o da *School of European Languages, Translation and Politics*. Esta última inclui estudos em Políticas Públicas. Não há propriamente programas de Estudos Europeus, e sim alguns orientadores que são especialistas na área. A ideia é que o interesse em estudos ligados a questões europeias vem do aluno, que ali encontra como desenvolvê-los.

Os temas variam bastante de acordo com a universidade, sendo que o doutorado em Estudos Europeus Contemporâneos da Universidade de Sussex adota um viés marcadamente político, enquanto outros se voltam mais para a

cultura, incluindo, muitas vezes, o estudo do cinema europeu. Na London School of Economics, o leque abrange *European governance and democracy*; *European economy and political economy*; *European society, ideas and identities*; *European affairs beyond the EU borders*. Para ter acesso ao doutorado da LSE, requiere-se do aluno ter obtido distinção na dissertação de mestrado em tema afim.

No território espanhol, encontramos o Doutorado em Estudos da União Europeia (anteriormente denominado Doutorado em Direito, Economia e Sociedade na União Europeia), sediado na Universidade de Salamanca. As sete linhas dão um contorno bem típico do que se entende hoje por Estudos Europeus, privilegiando questões políticas em suas imbricações com a economia, as leis, os direitos humanos e o desenvolvimento. Segundo a apresentação do programa:

A nova titulação consolida o amplo acervo acumulado durante mais de sete anos de vigência de um programa específico e de excelência de formação de investigadores em temas europeus. É preciso destacar, neste sentido, a incorporação do grupo de professores da Área de Ciência Política e de Administração, que não participavam do doutorado anterior, mas que também contam com uma extensa experiência em outros programas e na orientação de teses.

O IAEE, Instituto de Altos Estudos Europeus, em Madri, oferece cursos de mestrado semipresenciais em que se destaca a parceria com a Universidade de Bogotá. Sua ênfase é em Cooperação Internacional.

Em Portugal, predominam os cursos de mestrado, mas pode-se destacar o Doutorado em Estudos Europeus do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, com disciplinas como Espaço de Justiça, Segurança e Liberdade; Direito da Energia e do Ambiente e Governança Económica da U.E.

Vários países não mencionados aqui têm programas semelhantes aos descritos, sem traços característicos que exijam sua apresentação em separado. Do ponto de vista de uma formação doutoral, o curso de Paris 8 merece relevo por colocar sob sua mira temas polêmicos como o emprego, a situação da mulher e a legitimação do discurso econômico, além de aliar o lastro histórico à prospecção de problemas atuais. Deste modo, configura-se como o mais aberto e exigente dos programas, assumindo caráter avançado e transdisciplinar.

Cabe aqui assinalar dois movimentos perceptíveis no mapa dos Estudos Europeus na Europa: (1) a mudança de foco dos estudos dessa denominação, de estudos



humanísticos tradicionais para a abordagem de questões atuais que, no campo da cultura e da política, desafiam os territórios e práticas estabelecidos e a visão da Europa como centro hegemônico (2) a crescente independência dos EE da formação em Relações Internacionais e em Direito. Isso significa uma ênfase cada vez maior nos movimentos político-sociais e na governança por oposição à concepção político-partidária de governo. Esta última passa a ser encarada do ponto de vista do eleitor e do cidadão comum.

### **Estudos Europeus em outros continentes**

O mais prestigioso curso de Estudos Europeus fora da Europa é o de Harvard, que fornece o modelo inclusive para o de Paris 3. O *Minda de Gunzburg Center for European Studies* da Universidade de Harvard oferece um *PhD in Government*, com quatro disciplinas introdutórias dedicadas aos Estudos Europeus, União Europeia, Estudos Culturais Europeus e Cinema Europeu. São tópicos optativos: A Europa no mundo, o mundo na Europa; A União Europeia; O pensamento europeu; O cinema europeu; Literatura e Sociedade e A União Europeia no sistema mundial. Essas disciplinas estão voltadas para a pesquisa em quatro campos:

- Estudos comparativos de política, sociedade e cultura.
- Teoria política e social.
- Culturas europeias da memória.
- O cinema europeu.

Temos aí um modelo de Estudos Europeus não enquadrado nas áreas que tradicionalmente os acolhem: Relações Internacionais e Direito. Percebe-se, como quadro de fundo, a conhecida e antiga fascinação norte-americana pela cultura europeia, corrigida pela atenção aos problemas contemporâneos. Lê-se, em sua apresentação:

Os Estudos Europeus referem-se ao estudo da política, sociedade e cultura europeias. Eles nos dão uma compreensão ampla das forças históricas, sociais, políticas e culturais que formaram a Europa contemporânea e oferecem-nos a oportunidade de promover debates sobre o seu futuro.

O destaque dado ao cinema europeu merece atenção por voltar-se para uma expressão estética que se desenvolveu paralelamente à construção da noção de federação europeia e cuja dupla face ficção/documento mostra-se mais próxima da sensibilidade em construção nos últimos cem anos do que a literatura, não obstante o inabalável prestígio desta. A conjunção imagem/narrativa é vista como tendo alcançado

na Europa um caráter próprio, independente dos padrões hollywoodianos, capaz de traduzir em relato as nuances de um pensamento teórico nascido de um contexto histórico-social específico, constituindo-se, portanto, em importante instrumento de apreensão das múltiplas dimensões da vida europeia.

Ainda nos Estados Unidos, a Universidade de Columbia oferece mestrado em *Modern European Studies*. A apresentação informa que

o programa é ideal para alunos que queiram combinar o trabalho avançado em Humanidades ou Ciências Sociais com um profundo conhecimento da Europa e seu lugar no mundo. Os pós-graduados em Estudos Europeus Modernos destinam-se a carreiras na administração pública, negócios, jornalismo e ao setor não-produtivo, assim como a estudos doutorais em universidades norte-americanas e europeias.

Uma instituição interessante, embora não ofereça programas de estudos, é o Institute of European Studies, na Universidade da Califórnia – Berkeley. O instituto fornece bolsas de curta duração (três meses), no sistema sanduíche, para desenvolvimento de pesquisas de pós-graduandos sobre temas europeus. A *Georgetown University* possui um *BMW Centre for German and European Studies*, que tem como objetivo “educar a próxima geração de líderes transatlânticos”, através de um *Master of Arts* em Estudos Alemães e Europeus (MAGES), em conjunto com outros programas. Também na Universidade de Wisconsin os títulos são de mestre, embora o curso possa ser usado como “minor” por um aluno de doutorado de outro programa. Outras universidades possuem centros de estudos europeus, mas, para não nos alongarmos demais, citaremos apenas o *European Studies Council* de Yale, que se apresenta como catalisador para o desenvolvimento de novas iniciativas, lembrando que diversos departamentos, nas áreas de Letras e Artes e Ciências Humanas oferecem cursos com foco na Europa. Os doutorandos de outros programas podem obter um certificado em Estudos Europeus, com um curriculum suplementar.

Passando para o continente asiático, lemos em *Japan and Enlarged Europe. Partners in Global Governance* (UETA & REMACLE, 2005) que “nenhuma universidade japonesa tem um programa de Estudos Europeus, nem outorga títulos acadêmicos nesses estudos. Há apenas um instituto universitário de pesquisa sobre Europa, o da Universidade Nanzan, em Nagoya” (p. 32). De acordo com o site dessa última, seu centro não oferece programas de estudos, mas promove a interlocução entre os países europeus e o Japão.

Em 2009, entretanto, cria-se o Instituto de Estudos da União Europeia (EUSI), em Tóquio, que conecta três universidades,<sup>6</sup> oferecendo, inclusive, programas de doutorado em torno de temas como Integração Europeia, Governança e Cidadania, Economia Europeia, Comércio e Investimento e Política Internacional.

Na China, o *European University Centre* da Universidade de Pequim mantém cursos de Estudos Europeus nos níveis de mestrado e doutorado. O foco é em diferentes aspectos da Europa, de uma perspectiva política, econômica, social e cultural. O centro tem parcerias com diversas universidades europeias, de dez diferentes países, entre as quais três Sorbonnes, Paris 2, 4 e 6. Já o Instituto de Estudos Europeus de Macau oferece um mestrado com quatro módulos, cada um dedicado a uma área: o “Geral” (que trata de Políticas Públicas, Governança e História da União Europeia), o de Economia, o de Direito e o de Relações Internacionais. Há no IEEM também um programa de pesquisas no nível de doutorado, o *Ásia – Europe Comparative Studies Research Project*, que prevê inclusive uma porcentagem de pesquisas em grupo. Os projetos devem contemplar as relações Ásia-Europa. Em Xangai, o objetivo do Centro de Estudos Europeus da Universidade Fudan é criar cursos à distância, nos diversos níveis. Percebe-se, nos centros chineses, uma preocupação em compreender a organização da União Europeia, de um ponto de vista mais institucional.

Os centros tendem a se difundir por toda a Ásia, com ênfase sobre a região sudeste. Na impossibilidade de fazer um levantamento mais completo, citaremos apenas o da Universidade Chulalongkorn, na Tailândia, que se apresenta como disseminador de conhecimento e

informação atualizada sobre questões europeias. Enfatiza a necessidade de trabalhar em rede, o que

leva o CES a desenvolver e promover uma rede cooperativa entre o Thai/ASEAN e os estudiosos europeus através de um ambiente de estímulo intelectual. O Centro ainda busca construir links entre instituições tailandesas e europeias, assim como no nível do ASEAN e da EU.

O Departamento Interdisciplinar de Estudos Europeus da Universidade oferece mestrado na área.

A proliferação dos Estudos Europeus na porção sudeste do continente asiático deve-se, em certa medida, à existência da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), bloco econômico criado em 1967. Composto por dez países, este bloco possui um acordo de cooperação econômica com a UE (União Europeia). Sua sede fica na cidade de Jacarta, Indonésia. Embora o objetivo principal do bloco seja o desenvolvimento econômico, ele apresenta também propostas nos campos sociais e culturais.

Seria natural que voltássemos nosso olhar agora para a América do Sul, antes de expormos as condições e possibilidades de existência de Centros de Estudos Europeus no Brasil. Devemos, porém, remeter os leitores ao artigo de Andrés Malamud e Miguel de Luca intitulado “Um Velho Mundo ainda por ser descoberto? Estudos europeus no Cone Sul latino-americano”, recentemente<sup>7</sup> publicado nos *Cadernos Adenauer*. Ali se faz um levantamento abrangente de iniciativas no sentido de implantação desses estudos na Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. O artigo ressalta a escassez de atividades acadêmicas dirigidas às relações Brasil-Europa ou mesmo

6 Keio University, Tsuda College e Hitotsubashi University.

7 Em *Cadernos Adenauer* XIV (2013) n. 1, p. 81-96.

à análise da Europa federativa, em comparação com outras regiões do mundo, como a Ásia ou a América do Norte. Dos quatro países citados, o Chile seria o único a oferecer diplomas (especialização) em Estudos Europeus (Universidad de Concepción) e o único curso de pós-graduação seria oferecido na Argentina pela Universidade de Bolonha (Itália). O artigo destaca ainda a recente criação, no Brasil, do IEE (primeira denominação do Instituto de Estudos Brasil–Europa, o IBE), que abre novas perspectivas para os Estudos Europeus não apenas no Brasil, mas em todo o Cone Sul.

Dentro do universo latino-americano, a Faculdade de Estudos Superiores Acatlán da UNAM (México) oferece um Programa de Estudos sobre a Comunidade Europeia, que conta com aprovação oficial da União Europeia. A FES Acatlán pertence à rede de universidades vinculadas ao Instituto de Estudos da Integração Europeia (IEIE), e faz parte do Comitê Consultivo Interinstitucional sobre Estudos Europeus, nascido de projeto financiado pela Comissão Europeia. Note-se que o programa citado não oferece título de pós-graduação, mas consiste em realização constante de eventos com formatos variados, dedicados ao tema. Ainda no México, o Centro de Estudos e Negócios com a Europa do Tecnológico de Monterrey atua mais ou menos nos mesmos moldes, com enfoque voltado para a administração pública.

Para dar uma pincelada final nesse rápido passeio pela América Latina, anotaremos apenas o Instituto de Altos Estudios Europeos (IAEE) da Colômbia, em Bogotá, parceira do IAEE madrileno, que oferece mestrados na área de Relações Internacionais e Política Internacional, com foco na União Europeia.

### **Estudos Europeus no Brasil**

O artigo de Malamud e De Luca citado acima é também uma excelente fonte de informação sobre os EE no Brasil. No entanto, os autores deixam de assinalar a existência de cátedras Jean Monnet no país, entre as quais, a da Universidade do Vale do Itajaí – Univali (Prof. Liton Lanes Pilau Sobrinho), instituída em 2007, a da Universidade de Brasília (Profa. Dra. Julie Schmied), de 2010, e a da Universidade Federal de Santa Catarina (Profa. Dra. Karine de Souza Silva), de 2007. A expectativa é que dessas cátedras nasçam iniciativas de criação de Centros de Estudos Europeus. Em torno da Profa. Schmied, reúne-se já o Núcleo de Estudos Europeus da UnB, sobre cujas atividades ainda há escassez de informações

online. A profa. Karine, através da afiliação da UFSC ao IBE, junta-se naturalmente às atividades desse instituto.

A anotar ainda no Brasil, haveria o Programa de Estudos Europeus da UFRJ, nascido de parceria com a Fundação Konrad Adenauer e responsável pela criação do CIE, Centro de Informação Europeia, naquela universidade. No entanto, a página do programa está sem atividade há alguns anos e o PEE já não figura na organização do Anuário Brasil-Europa editado pela fundação alemã.

É importante frisar que as iniciativas relativas a Estudos Europeus são, como em outros países latino-americanos, geralmente ligadas a pesquisadores isolados, o que indica uma fraqueza desses estudos entre nós. A atuação conjunta de unidades acadêmicas e da Comissão Europeia que se implementa agora no Brasil deve corrigir essa falha nos próximos anos.

### **Conclusões preliminares**

As conclusões a que nos leva o levantamento realizado são as seguintes:

(1) Os Estudos Europeus são raramente matéria de doutorado, embora muitas das universidades em que estão instalados Centros de Estudos Europeus incentivem e deem apoio a pesquisas voltadas para a União Europeia e para questões europeias através desses centros. Os cursos de pós-graduação se dão no nível de mestrado. Esse fato pode ter dois significados: por um lado, os EE costumam ser vistos como um suplemento de um bacharelado, com o objetivo de preparar o aluno para uma carreira europeia – ou seja: não teriam caráter marcadamente acadêmico. Por outro lado, os doutoramentos na Europa, mormente nos países de formação anglo-saxônica, não costumam se constituir em cursos.

(2) Os Estudos Europeus são associados majoritariamente a estudos sobre a União Europeia, porém, prevalece em algumas universidades de maior tradição humanística a ideia de que os EE abrangem pesquisas voltadas para países europeus específicos e suas culturas (incluindo a literatura). O papel dos convênios e financiamentos fica claro pela existência, em algumas instituições, de Departamento de Estudos Europeus e Alemães, mostrando o papel pró-ativo da Alemanha, através de instâncias como o DAAD e a Fundação Konrad Adenauer.

(3) As disciplinas departamentais mais frequentemente envolvidas nos EE são, em ordem decrescente: Relações Internacionais, Direito, Economia, Ciências Políticas. Seguem-se as Ciências Sociais e História. Os tópicos da Governança e das Políticas Públicas aparecem com bastante frequência, às vezes com enfoque mais administrativo, outras com enfoque predominantemente sociológico. As questões de transferência e inovação tecnológica não constituem um tópico por si, sendo tratadas, quando o são, no âmbito da Economia e Relações Internacionais.

(4) A maior proximidade das Ciências Humanas, com ênfase em Sociologia, Antropologia, História da Cultura e, naturalmente, da Filosofia, caracteriza o que se denomina Estudos Europeus Críticos. Estes tendem a ser praticados quase com exclusividade no interior da própria Europa.

(5) Os CEEs asiáticos têm como ponto forte as relações econômicas, enquanto as relações culturais continuam a predominar nos CEEs norte-americanos, mesmo em curso que tem como título “PhD in Government” (Harvard).

(6) Na América Latina, predominam os centros criados pela iniciativa de um determinado pesquisador, a partir de sua formação e contatos europeus. Essa con-

centração de esforços na iniciativa individual coloca em perigo a continuidade dos centros, caso um outro pesquisador não decida assumir o encargo de mantê-los, a partir da aposentadoria ou desistência de seu criador.

### **Que Estudos Europeus nos interessam?**

A proposta de programa de doutorado recentemente apresentada à Capes pelo IBE é inédita por abranger as mais diversas áreas: de C&T a Saúde e Humanidades. Esta última comparece, de diversas formas, em vários dos programas mencionados acima, mas as outras duas praticamente não existem no conceito predominante dos Estudos Europeus. A única razão pela qual áreas tão diversas puderam ser incluídas em uma única proposta de curso, no IBE, foi a inevitável interface que apresentam, quando se levantam os problemas e entraves de cada uma, com o âmbito das Políticas Públicas, âmbito esse que se atrela também de forma palpável, na prática, ao domínio da Economia. Podem-se traduzir grosseiramente as circunstâncias que conformam todas as ações nas várias áreas em duas palavras: verbas e vontade política. No entanto, é preciso atentar para o fato de que, nesse particular, tanto a Economia quanto as Políticas Públicas dependem de influxos diversos e por vezes conflitantes: a dotação de verbas, dentro de uma perspectiva puramente capitalista, deveria voltar-se para o crescimento econômico, mas, na verdade, sofre uma série de pressões políticas, uma parte das quais advém da sociedade civil, que, muitas vezes de forma complexa e tortuosa, se faz ouvir pelos gestores do erário. Quanto à vontade política, depende igualmente de pressões exercidas pelos interesses econômicos, por um lado, e pelas questões sociais que se impõem a cada momento.

Por qualquer lado que se comece a pensar a relevância de estudos avançados Brasil–Europa, chegar-se-á (foi o que pudemos observar em um ano e meio de discussões) às questões das Políticas Públicas e da Economia (no que toca à manutenção do crescimento econômico). A formatação de um programa de estudos europeus vai defrontar-se, portanto, com a necessidade de opção entre um aporte social e um aporte econômico desenvolvimentista. Se incluímos a Tecnologia como matéria explícita desses estudos, quando em muitos programas (os asiáticos, por exemplo) ela se encontra subentendida sob a capa das relações comerciais, temos de nos perguntar: que tecnologia? Tecnologia para quem? Os adjetivos limpa, sustentável, inclusiva são hoje de circulação comum, mas precisam de fato significar a exclusão de certos modos de produção, de certos objetivos e projetos, em lugar de mascarar

e embalar as práticas de sempre, ocultas sob as estratégias de veiculação de imagem. A inclusão da Saúde oferece um desafio semelhante: procurar-se-á optar por tratamentos, doenças e práticas de prevenção de maior alcance social ou fomentar a indústria de medicamentos como fonte de divisas, privilegiando os mais lucrativos?

Sobretudo, trata-se de pensar de que forma se dão essas opções na Europa, como parte de um grande quadro político-social inédito na história, pelas dimensões adquiridas pelo bloco europeu a partir de sua unificação. Ora, um estudo dessa natureza, empreendido por um pesquisador brasileiro, dificilmente o será por mero interesse de ilustração, como antes se empreendia o estudo das línguas, literatura e cultura. É inegável que, para nós, os Estudos Europeus terão outra relevância. A maioria dos cursos estrangeiros de Estudos Europeus revisados aqui enfatizam as relações diplomáticas e comerciais com a Europa. O que a proposta do IBE procura trazer de novo é a tentativa de compreensão de questões comuns ao Brasil e à Europa, às quais uma visão bidirecional pode trazer clareza e sugerir modos de ação que a perspectiva interna por si só não seria capaz de revelar. O peso das opções envolvidas no recorte proposto sugere que estas sejam fundamentadas na questão ética, capaz de se sobrepor aos interesses do momento.

A partir dos pontos levantados, pode-se delinear a forma que devem assumir os Estudos Europeus para que atinjam com eficiência os seus objetivos. Durante o panorama traçado nos tópicos acima, foram sublinhados alguns termos que podem servir de parâmetros para as pesquisas: trabalho em rede, perspectiva transnacional, abordagem pluridisciplinar e comparativa, conhecimento teórico aliado à compreensão prática e a experiência concreta. A recorrência desses parâmetros nos mais prestigiosos cursos de Estudos Europeus aponta um caminho que reputamos o mais interessante para a nossa própria experiência em construção.

Como pontuou o Prof. Clélio Campolina Diniz, reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, em recente encontro com a embaixadora da União Europeia e outros 19 embaixadores europeus no Brasil, a Europa já não é o grande centro emanador de civilização para culturas periféricas. Assim, é correto que dois grandes blocos federativos como o Brasil e a Europa, apesar das enormes diferenças de estatuto e organização, encontrem-se como parceiros em todas as instâncias, inclusive a da pesquisa. Portanto, defendemos aqui a adoção da perspectiva crítica, capaz de ir além das mensurações e das preconcepções. Pautada pela Ética, tal perspectiva não perderá de vista o que julgamos ser seu objetivo principal: o desenvolvimento humano.

## Referências<sup>8</sup>

MALAMUD, Andrés & DE LUCA, Miguel. Um velho mundo ainda por ser descoberto? Estudos Europeus no Cone Sul latino-americano. In: *Cadernos Adenauer XIV*, (2013), n. 1, p.81-96.

UETA, Takako & REMACLE, Éric (eds.). *Japan and Enlarged Europe. Partners in Global Governance*. Bruxelas: PIE Lang, 2005.

## Páginas web consultadas

<<http://www.jeanmonnet.org.tr>>

<<http://www.helsinki.fi/katti/jmcentre/contact.htm>>

<<http://www.iee.univ-paris8.fr>>

<<http://www.univ-paris3.fr/dept-ieee>>

<<http://www.eui.eu/www.ies.be>>

<<http://www.uni-jena.de>>

<<http://www.coleurope.eu>>

<<http://www.univie.ac.at>>

<<http://www.zeus.phil-fak.uni-koeln.de>>

<<http://www.londonmet.ac.uk>>

<<http://www.lboro.ac.uk>>

<<http://www.birmingham.ac.uk>>

<<http://www.ucl.ac.uk>>

<<http://www.sussex.ac.uk>>

<<http://www.lse.ac.uk>>

<<http://www.essex.ac.uk>>

<<http://www.leeds.ac.uk>>

<<http://www.gla.ac.uk>>

<<http://www.cardiff.ac.uk/europ/.../jeanmonnet/index.html>>

<<http://www.usal.es>>

<<http://www.iaee.eu/nosotros.htm>>

<<http://www.iep.lisboa.ucp.pt>>

<<http://www.ces.fas.harvard.edu>>

<<http://gsas.columbia.edu> › Academic Programmes>

<<http://ies.berkeley.edu>>

<<http://cges.georgetown.edu>>

<<http://www.yale.edu/macmillan/europeanstudies>>

<[http://eusi.jp/content\\_en](http://eusi.jp/content_en)>

<<http://a0020.srv.lu.se/info/pkueuc>>

<<http://www.ieem.org.mo>>

<[http://www.ces.in.th/ma\\_europe.html](http://www.ces.in.th/ma_europe.html)>

<[http://www.peeudec.cl/quienes\\_somos.html](http://www.peeudec.cl/quienes_somos.html)>

<<http://www.ba.unibo.it/BuenosAires/formacionacademica/modulomonnet>>

<<http://www.peceacatlan.com>>

<<http://www.csf.itesm.mx/cee>>

<<http://www.univali.br/jeanmonnet>>

<<http://ceam.unb.br/jeanmonnet>>

<<http://irel.unb.br/2010>>

<<http://irene.ufsc.br/catedra-jean-monnet>>

<<http://www.pee.ifcs.ufrj.br>>

<<http://www.ifcs.ufrj.br/~cie>>

<sup>8</sup> Entre os mais de cinquenta sites visitados, a partir dos quais foi acessada grande quantidade de links, selecionamos os citados por terem efetivamente contribuído para a redação deste texto. Todos os sites listados foram acessados entre 15 de abril e 15 de maio de 2013.